

Risco!: a construção de situações pedagógicas na modelagem viva contemporânea

Risco!: the construction of pedagogical situations in contemporary live modeling

Risco!: la construcción de situaciones pedagógicas en el modelado vivo contemporáneo

BRUNA RAFAELLA FERRER DE MORAIS ¹

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Resumo

Este artigo apresenta e analisa as práticas artísticas e pedagógicas do grupo de desenho e performance de modelo vivo Risco! ao longo de uma década. O objetivo principal é investigar as práticas individuais e coletivas do grupo, utilizando o conceito de “situações pedagógicas” para provocar uma mudança de perspectiva nos campos artístico e educacional. O estudo busca desenvolver esse conceito e difundir metodologias recentes em Artes Visuais que enfoquem a formação através da arte como uma ferramenta para apropriação do cotidiano, promovendo construção de conhecimento de forma ética e estética. As conclusões destacam como a ação do grupo Risco! possibilita um amplo espaço de investigação, inter-relacionando aspectos sociais, culturais, tecnológicos, profissionais e pessoais. Essas interações, associadas a processos de subjetivação implicados na modelagem viva contemporânea, têm repercussões na formação de diferentes poéticas visuais e investigações pedagógicas.

Palavras-chave: Risco!; situações pedagógicas; modelagem viva contemporânea.

¹ Doutora em Design pela Universidade Federal de Pernambuco (Recife, 2019). Mestre em Artes Visuais pela Faculdade Santa Marcelina (São Paulo, 2011). Tem experiência na área de Artes como pesquisadora, professora, produtora cultural e artista visual. Atualmente coordena o grupo de estudos com foco no desenho e na performance de modelo vivo Risco!. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3647002683721858>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1246-7882>. E-mail: brafaellaster@gmail.com.

Abstract

This article presents and analyzes the artistic and pedagogical practices of the Risco! live model drawing and performance group over the course of a decade. The main objective is to investigate the individual and collective practices of the group, using the concept of “pedagogical situations” to provoke a change of perspective in both the artistic and educational fields. The study aims to develop this concept and disseminate recent methodologies in Visual Arts that focus on education through art as a tool for the appropriation of everyday life, promoting ethical and aesthetic knowledge construction. The conclusions highlight how the actions of the Risco! group provide a wide space for investigation interconnecting social, cultural, technological, professional, and personal aspects. These interactions, combined with the subjective processes involved in contemporary live modeling, have repercussions on the formation of different visual poetics and pedagogical investigations.

Keywords: Risco!; pedagogical situations; contemporary live modeling.

Resumen

Este artículo presenta y analiza las prácticas artísticas y pedagógicas del grupo Risco!, dedicado al dibujo y performance de modelos vivos, a lo largo de una década. El objetivo principal es investigar las prácticas individuales y colectivas del grupo, utilizando el concepto de “situaciones pedagógicas” para provocar un cambio de perspectiva tanto en el ámbito artístico como educativo. El estudio tiene como propósito desarrollar este concepto y difundir metodologías recientes en las Artes Visuales que se enfoquen en la educación a través del arte como herramienta de apropiación de la vida cotidiana, promoviendo la construcción de conocimiento ético y estético. Las conclusiones resaltan cómo las acciones del grupo Risco! brindan un amplio espacio de investigación e interconectando aspectos sociales, culturales, tecnológicos, profesionales y personales. Estas interacciones, combinadas con los procesos subjetivos involucrados en la modelación viva contemporánea, tienen repercusiones en la formación de diferentes poéticas visuales e investigaciones pedagógicas.

Palabras clave: Risco!; situaciones pedagógicas; modelado vivo contemporáneo.

Experimentos

Este artigo analisa as práticas artísticas e pedagógicas do grupo de desenho e performance de modelo vivo Risco! tomando como metodologia o relato de experiência da ação cultural do grupo ao longo de uma década. Por meio de uma abordagem qualitativa, o objetivo principal deste estudo é investigar as práticas criativas do Risco! utilizando o conceito de “situação pedagógica” para provocar uma mudança de perspectiva nos campos artístico e educacional. No artigo, busca-se desenvolver esse conceito e difundir processos recentes em Artes Visuais, tomando a prática da modelagem viva contemporânea como um potencial campo de investigação poética e pedagógica.

O Risco! é um coletivo aberto e fluido que se insere na cena cultural do Recife como um grupo prático de estudos artísticos independente. Desde sua formação, em 2013, o grupo não estabelece pré-requisitos técnicos para participação nem é conduzido por um professor que oriente os modos de fazer ou direcione um objetivo a partir de sua ação. O grupo atrai não só artistas visuais, mas também colaboradores criativos de áreas afins (músicos, cineastas, designers etc.), estudantes, educadores, pesquisadores e, sobretudo, investigadores do corpo (*performers*, praticantes de yoga, pessoas em processo de transição de gênero etc.). A cada encontro semanal, forma-se um grupo de trabalho em torno da prática de modelo vivo com o objetivo de estimular a expressão gráfica e performática do corpo e suas possibilidades enquanto dispositivo de criação na contemporaneidade. Nesses encontros, busca-se o desenvolvimento de competências criativas por meio da instauração de um lugar de troca, de saberes e de vivências artísticas, propondo ultrapassar a instrumentalização técnica e a formação profissionalizante. Por meio de momentos comprometidos com a descoberta compartilhada, fomenta-se a experimentação e a expressão artística como processo de aprendizado e fonte de pesquisa multidisciplinar.

O grupo atua semanalmente de maneira itinerante nas cidades de Recife e Olinda, em Pernambuco. Em ocasiões específicas e esporádicas, o grupo promoveu sessões em cidades do interior do estado, como no espaço independente de arte Reduto, em Surubim, e no Theatro Cinema Guarany, em Triunfo; e já atuou fora do estado, como no Palácio das Artes, em Belo Horizonte. Seja fazendo as sessões semanais, seja participando de eventos como convidado ou realizando projetos por meio de incentivo público à cultura, o grupo foi acolhido pelos mais diversos espaços independentes e institucionais, os quais reconhecem o valor de sua atuação na cena artística local.

Em sua trajetória, o Risco! promoveu diversas temporadas em locais diferentes de Recife. Em 2013-2014, no Peligro - Coworking e no Museu Murillo La Greca; no ano de 2014, o local escolhido foi o Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães; de 2014 a 2018, as atividades ocorreram no Sexto Andar - Edf. Pernambuco; em 2018, as sessões foram realizadas no Nona - Edf. Pernambuco; e, de 2018 a 2019, no Espaço Jambo Azul - espaço criativo coletivo. No ano de 2019, o grupo se reuniu no Pangeia - atelier coletivo, em Recife, e no Atelier de Ianah Maia, em Olinda. De 2019 a 2020, as atividades foram realizadas no Mercado Eufrásio Barbosa, em Olinda, e no Mau Mau (Sala Mostra) - espaço criativo coletivo, em Recife. No período de 2020 a 2021, as sessões foram realizadas *online*, através de uma plataforma de videoconferência. Por fim, de 2022 a 2023, as sessões foram híbridas (presenciais e usando uma plataforma de videoconferência) e ocorreram no Instituto de Arte Contemporânea (IAC) do Centro Cultural Benfica.

O Risco! inicialmente se formou como grupo de estudos da linguagem do desenho na Aeso - Faculdades Integradas Barros Melo, situada em Olinda, sob coordenação dos professores André Aquino, Bruna Rafaella Ferrer e Eduardo Souza. O grupo permaneceu mantendo vínculo com a instituição por apenas cinco meses, e, desde sua constituição, os encontros aconteceram fora da faculdade. Sair do ambiente acadêmico configurava uma investida na possibilidade de ter uma maior abertura para participação de pessoas não especializadas em arte. Nesse início de percurso, já era incutida a ideia de se trabalhar o tempo das poses de modo a romper com um *modus operandi* tradicional na prática artística com modelo vivo. Trabalhava-se, portanto, exclusivamente com um tempo curto de imobilidade do corpo dos modelos vivos: de 30 segundos a 10 minutos.

Tal processo é aplicado até hoje, em conjunto com outras abordagens metodológicas, e tem inspiração no trabalho de “Poses-Rápidas” empregadas pelos artistas do Atelier Coletivo – grupo em funcionamento entre os anos de 1952 e 1957, na região central do Recife, criado pelo artista Abelardo da Hora (1924-2014). Tal movimento, que aconteceria em decorrência do movimento gerado pela Sociedade de Arte Moderna do Recife (SMAR), criada em 1948 como rompimento com o sistema acadêmico de ensino implantado pela Escola de Belas Artes de Pernambuco², apoiava um posicionamento político-estético que criticava a abordagem temática com foco no figurativo clássico e buscava processos de criação e profissionalização do artista mais próximos dos acontecimentos da cidade e da sua “realidade social” (Sousa, 2014, p. 9). Para o Atelier Coletivo, a prática de modelo vivo era apenas uma etapa de exercício de desenho a ser aplicado no espaço público como ateliê a céu aberto.

² Para maior aprofundamento do tema, com vasto levantamento historiográfico através de fontes primárias (jornais, revistas e obras) e secundárias, consultar Sousa (2014).

A Pose-rápida, para além do adestramento técnico, fazia dos artistas quase documentaristas, ou pesquisadores, que iam a campo em busca do envolvimento sensorial com os ambientes e personagens que eram, também, inventados artisticamente (Sousa, 2014, p. 74).

Embora haja semelhanças no tocante ao exercício de desenhos rápidos, que induzem um treinamento da mão e uma observação mais acurada dos modelos, há diferenças cruciais no Risco! que reinscrevem a prática artística com modelo vivo proposta pelo grupo. Essas diferenças não só dizem respeito a uma atualização formal, mas também a uma propulsão do grupo pela criação de novas *situações*, impulso este que emana do entendimento inicial da autonomia artística da sessão e dos modelos vivos.

Num cenário local, onde a prática de modelo vivo era restrita a poucas vivências no contexto de aulas de desenho na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), o Risco! surgiu democratizando esta prática para fora dos muros acadêmicos, acolhendo todas as pessoas interessadas no estudo do corpo, seja na ação corporal expressiva ou no registro da figura humana. A cada semana, o grupo recebe uma ou mais pessoas diferentes como modelo vivo e assume a postura de considerar o repertório levado pelos modelos como base de produção artística e debate. Desse modo, acredita-se que todos são capazes de propor o uso de suas subjetividades na condução das sessões, o que reverbera na produção de imagens em conjunto. Esse processo celebra a diversidade e a potencialidade criativa de cada um, reforçando a ideia de que todos são capazes de desenhar e/ou atuar como modelo vivo.

Ao tomarmos o momento autônomo e a temporalidade regular da realização de sessões, verificamos o crescimento exponencial de agentes interessados na participação como modelos vivos – e, em muitas vezes, a troca de papéis entre desenhistas e modelos. Ainda em seu primeiro ano de atividade, o grupo passou a “[...] multiplicar os objetos e sujeitos poéticos” (Debord, 1957 *apud* Jacques, 2003, p. 57), se tornando um laboratório aberto para a performance em diálogo com elementos de constituição de uma sessão de modelo vivo (como a criação de imagens estáticas e possibilidade de estudo da anatomia do corpo). Tal investigação se dá em suas ações quando esse insere a vivenciados modelos vivos, nesse fazer, numa política dos afetos capaz de ressignificar tanto o campo da formação artística quanto a vida das pessoas naquele contexto, tradicionalmente reservado a uma prática criativa do corpo mais mecanizado.

Embora haja uma intenção declarada por ampliar as possibilidades do trabalho de modelo vivo, essa posição momentânea não ocorre com o intuito de separação

entre criadores e espectadores, tampouco para a criação de obras passíveis de serem estocadas ou comercializadas, visto que a atividade do grupo, diferentemente da do Atelier Coletivo, não é entendida como local de passagem para a posterior criação de obras acabadas nem como um local de estudo baseado em um currículo programático onde se impõe determinados conteúdos de aprendizagem.

Através da repetição e dos desvios dos códigos de uma prática de modelo vivo tradicional e de uma nova compreensão da “corporeidade” dos modelos vivos neste fazer, ou seja da incorporação dos afetos dos agentes dessa ação, vemos como é possível transfigurar uma lógica de representação artística pela realização experimental da energia criativa na existência dos participantes dessa experiência e na renovação do cotidiano do próprio ambiente artístico e de formação artística. Sendo assim, a atualização mais significativa da prática de modelo vivo no Risco! está em evidenciar o corpo como instalação de saberes diversos, entre eles o estético, e não apenas objeto de observação distanciado.

Modelagem Viva/Modelo-Vídeo

Modelo vivo é uma prática que visa o estudo da representação artística da figura humana por meio, sobretudo, de exercícios com desenho. É um método de aprendizado artístico formalizado em academias de arte europeias a partir da segunda metade do século XVII. No Brasil, o estudo artístico com modelo vivo é algo que permanece no ensino de arte desde as primeiras décadas do século XIX, com a implementação da Academia Imperial de Belas Artes. O Risco! não persegue modelos acadêmicos e avança na pesquisa para além do registro criativo. Como vimos, os encontros visam não somente o estudo do desenho, mas também a investigação da poética performática de modelos vivos, agregando, ao longo de sua trajetória, outras linguagens – especialmente o audiovisual – sobretudo a partir dos projetos culturais promovidos *online* desde o período de isolamento social devido à pandemia de Covid-19.

Além de promover sessões semanais, o Risco! desenvolveu projetos culturais de formação em artes, além de ter participado como convidado de alguns projetos de arte/educação. Nessa perspectiva, o Risco! realizou três projetos. O primeiro aconteceu de forma independente no segundo semestre de 2017, as chamadas “sessões orientadas”, por meio das quais, uma vez por mês, um integrante do grupo ficou responsável por conduzir a sessão, indicando uso de materiais e exercícios conjuntos. Nesse projeto, conduziram sessões com variados processos os artistas Heitor Dutra, Nathalia Queiroz, Vi Brasil, Demétrio Albuquerque, Erika Ferreira,

Zilda Borges e Valeria Rey Soto. Os outros dois projetos que foram viabilizados por meio do edital de incentivo à cultura foram o “Risco! Atelier Aberto”, incentivado pelo Funcultura e realizado no biênio 2018/2019, e o “Festival Risco! Atelier Aberto”, incentivado pela Lei Aldir Blanc, em Pernambuco, e realizado no ano de 2021.

Entre as ações de Arte/Educação que o Risco! participou, destacamos o projeto “Coletive-se” na exposição individual intitulada “Caminho de pedra”, do artista Demétrio Albuquerque, organizado pelo educativo da Galeria Janete Costa no dia 26 de setembro de 2015. Nesta ação, os modelos vivos Ariana Nuala, Brenda Bazante, Germano Rabelo, Linda de Morrir, Thiago das Mercês e Vi Brasil performaram conjuntamente às obras escultóricas de representações humanas em tamanho natural. Os modelos se separaram, permanecendo três no térreo, utilizando roupas de baixo – e aí o acesso era livre –, e três no mezanino da galeria, que permaneciam nus. No local, era disponibilizado material de desenho e os educadores da galeria dialogavam sobre o trabalho proposto e somente permitiam a entrada de menores no mezanino, desde que acompanhados por responsáveis legais. Também não era permitido o registro fotográfico ou filmico. O público participante foi bastante diversificado, e, para a maioria, era a primeira participação em uma sessão de modelo vivo.

Figura 1 – Modelo Vi Brasil interagindo com escultura na exposição Caminho de Pedra



Fonte: Fugita (2015).

Os desenhos produzidos ficaram à mostra durante uma semana sob protesto de alguns visitantes, incomodados com a presença do nu masculino, como relatado pelo diretor da galeria Carlito Person: “Tivemos que dialogar com algumas pessoas incomodadas, especialmente com a nudez masculina. Se a nudez ainda é um tabu, a masculina é um tabu maior ainda, a representação do pênis ainda desperta muito estranhamento por parte do público. Tivemos que trabalhar com a mediação, explicando a construção da ação que desencadeou aqueles registros, dialogando sobre a nudez e a representação do corpo ao longo da história da arte, a questão do erotismo na arte, entre outras questões”. Nesse sentido, houve um trabalho bastante cuidadoso por parte da mediação da mostra para a construção de um rico diálogo com o público. As esculturas de figuras humanas, de autoria do artista Demétrio Albuquerque e presentes na mostra “Caminho de pedra”, eram desprovidas de sexo (não possuíam formas de órgãos genitais nem seios).

Figura 2 – Participantes de sessão especial no evento Coletive-se, na Galeria Janete Costa



Fonte: Fugita (2015).

No projeto “Risco! Atelier Aberto”, as vivências foram desdobradas em ações artísticas e formativas com foco em um ciclo de oito oficinas, conduzidas por participantes do Risco!, algumas exposições com programação aberta e uma publicação impressa. O projeto reuniu dezenas de participantes em variados espaços de criação (independentes e institucionais) nas cidades de Recife e Olinda, contando com 15 participantes inscritos gratuitamente por oficina, além de monitores e modelos vivos. As oficinas ofereciam todo o material necessário para os exercícios e tinham uma rotina intensiva de atividade, cada uma com duração média de 12 horas divididas em três turnos.

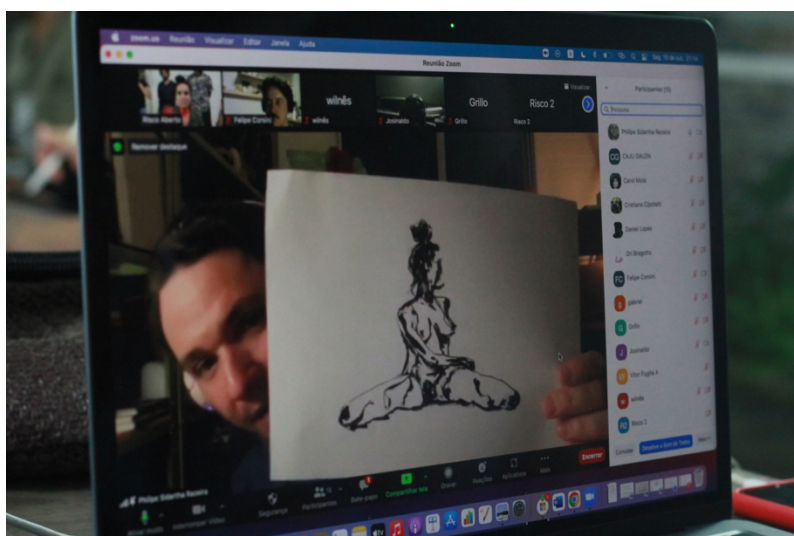
Foram realizadas as seguintes oficinas: “Performance de modelo vivo”, ministrada por Vi Brasil; “Autopublicação artística de baixo custo”, ministrada por Sabrina Carvalho (representando a Editora Livrinho de Papel Finíssimo); “Desenho e monotipia - Acaso e expressão”, ministrada por Rinaldo Silva; “Risco! na pele”, ministrada por Ianah Maia; “Narrativas do corpo”, ministrada por Nathalia Queiroz; “Caminho do meio”, ministrada por Heitor Dutra; “Desenho criativo com modelo vivo”, ministrada por Valéria Rey Soto; e “Percepção tridimensional: escultura com modelo vivo”, ministrada por Demétrio Albuquerque. A programação gratuita e inédita no estado, refletiu sobre o desenvolvimento de ações individuais e coletivas envolvidas numa prática criativa voltada para o corpo e seu registro artístico.

No contexto de isolamento social, o Risco! não parou suas atividades, realizando sessões *online* semanalmente via plataforma de videoconferência. Em 2020, foram realizadas, de maneira independente, cerca de trinta sessões. Realizar as sessões do Risco! de maneira virtual abriu uma oportunidade de desdobramento de uma série de reflexões. “Engana-se quem pensa que o modelo-vídeo se resume a uma forma de contentar os participantes de um grupo que, desde 2013, realiza ininterruptamente atividades itinerantes. O que poderia aparentar ser uma compensação não tão eficaz de um funcionamento presencial, revelou-se como potente contexto de experimentação em rede” (Moraes, 2021, s. p.).

“Modelo-vídeo” é um termo que passou a ser usado durante a pandemia para se referir às sessões promovidas na modalidade *online*. Trata-se de uma síntese perspicaz para pensar que, embora ocorra uma série de variações na imagem remota nesse novo experimento virtual, o diálogo criativo entre modelos e desenhistas assume novos e instigantes “contornos” e uma frente de investigação se abre ao cruzamento dessa prática com a da linguagem audiovisual. Pensamos, ainda, que as sessões de “modelo-vídeo” intensificaram o protagonismo dos então “modelos-diretores”, que levam para a coletividade não só seus corpos como objeto de observação, mas também narrativas diversas e outras conotações de suas selfies, além de participarem diretamente das composições gráficas pelo enquadramento proposto e pela ambientação sugerida. Assim, as sessões que ocorrem desde a época da pandemia encaram mais uma camada de desafio produtivo, ou seja, o de ir além da aparente limitação do plasmar e distorcer das imagens no meio digital para se valer dessas mesmas condições, além das sugestões de enquadramento e “cenografia” propostas como recursos criativos.

No Festival Risco! Atelier Aberto, realizado em 2021 completamente *online*, foram trabalhados os aspectos instrumentais e criativos da modelagem viva na contemporaneidade – termo agregado ao vocabulário do Risco! de modo a enfatizar a participação propositiva dos modelos vivos –, aprofundando aspectos de sua modalidade virtual. Sua programação contou com a realização de quatro oficinas que buscaram estimular uma prática criativa conjunta e aberta à sensibilização na interface corpo e política. O Festival contava, ainda, com exposição virtual, debates e produção de zine e documentário.

Figura 3 – participante de sessão híbrida apresentando sua produção em plataforma de videoconferência



Fonte: Ribeiro (2023).

Complementa estas investigações disparadas pela realização das sessões na modalidade virtual a realização do projeto “Risco! Animado”, que foi realizado o curta-metragem de animação Modelo Vídeo, disponibilizado gratuitamente *online* no site do Risco!³, por meio do qual foi possível gerar difusão do grupo no meio cinematográfico brasileiro. A produção foi composta a partir da produção de desenhos criados em conjunto durante uma sessão de modelo vivo *online*, contando com a participação de 96 desenhistas no Brasil e no exterior, que aconteceu no dia 22 de fevereiro de 2021 com a participação dos modelos vivos Vi Brasil e Thiago das Mercês, sob direção de Leonardo Lacca, operação de câmeras (fotografia) de Walton Ribeiro e Leonardo Lacca, condução da sessão e produção de Bruna Rafaella e trilha sonora ao vivo de DMingus.

³ O website do Risco! pode ser consultado em <https://www.risco.art.br>.

Nos dois últimos anos de atuação, o grupo somou um trabalho de formação de licenciandos e licenciandas em Artes Visuais ao seu repertório de ações culturais e das sessões semanais. Nessa colaboração, o Risco! passou a ser campo de estágio curricular obrigatório. Durante a pandemia, quando todos os equipamentos culturais da cidade estavam fechados em conformidade com as normas de biossegurança e a comunidade escolar enfrentava desafios metodológicos para a continuidade do ensino virtual, os estagiários do Risco! tiveram a oportunidade de realizar um trabalho instigante de Arte-Educação e mediação cultural em parceria com a Secretaria Estadual de Educação (SEE) de Pernambuco.

A partir do trabalho do Risco!, com foco nos projetos citados, nas exposições virtuais e em demais documentos disponíveis no site do grupo e na prática baseada nas sessões semanais, os estagiários puderam “levar o museu para a sala de aula” e oportunizar que estudantes do Ensino Básico experimentassem a criação artística como modelos vivos e desenhistas. Além disso, as sessões semanais passaram a ser integradas às disciplinas eletivas Poéticas do corpo e Tópicos 1, ministradas pelo professor Gustavo Motta. Assim, em parceria com a UFPE, o Risco! aprofundou seu potencial nos desdobramentos de pesquisa e formação pedagógica em Artes Visuais.

Figura 4 – Modelo vivo Beatriz Mudrundo em sessão de modelo vivo no IAC



Fonte: Ribeiro (2023).

Situações

A partir do percurso traçado na tese de doutoramento de Moraes (2019), intitulada *Utopias situadas: a construção de situações na arte contemporânea do Recife*, analisamos processos criativos de alguns grupos e projetos artísticos a partir dos preceitos da noção de Situação Construída situacionista com interesse em compreendê-la como conceito operatório de ações que se apropriam da complexa dinâmica da vida cotidiana, de modo a provocar a ideia de uma ética criativa. Além disso, também verificamos possibilidades e limitações de aplicabilidade dessa teoria. “Conceito operatório” é uma proposição teórica feita pela pesquisadora Sandra Rey⁴ e diz respeito às operações estéticas (e técnicas) que viabilizam a concretização de ideias, de formas de pensamento em Arte. Ou seja, são os conceitos operatórios que permitem a obra de arte ser realizada tanto no nível teórico quanto prático.

A Internacional Situacionista (IS), “[...] frequentemente considerada como a última tentativa histórica de juntar arte vanguardista com política vanguardista” (Jappe, 2015, s. p.), foi um grupo com pretensões revolucionárias formado por poetas, arquitetos, artistas visuais, cineastas, ativistas e pensadores que atuou entre os anos de 1957 e 1972. Os situacionistas propunham “[...] a participação ativa dos indivíduos em todos os campos da vida social, principalmente no da cultura” (Jacques, 2003, p. 13) por meio da construção de situações. Para os situacionistas, a verdadeira “realização” da arte implicava sua “supressão”, na medida em que se efetiva em um novo uso da vida, em uma prática revolucionária concretizada justamente pela construção de situações.

No documento de fundação da IS, essa concepção é ressaltada já a partir do título: “Relatório sobre a construção de situações e sobre as condições de organização e de ação da tendência situacionista internacional”. O texto desenvolve, então, o conceito de “situação construída”, indicando-o como norteador das atividades do grupo, que, por sua vez, deveria se dedicar à “[...] construção concreta de ambiências momentâneas da vida, e sua transformação em uma qualidade

⁴ Como exemplos, a autora comenta em seu texto *Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais*: “Podemos citar inúmeros exemplos na História da Arte, desde os conceitos que normatizaram a produção artística durante séculos (conceito de representação ou de *mimesis*, por exemplo) até as operações de artistas que, realizando deslocamentos prático-reflexivos através de sua obra, criaram seus próprios conceitos operatórios e acabaram por redirecionar o debate proposto pela arte em seu tempo: *ready-made* (Duchamp), *objet-trouvé* (Picasso), *parangolé*, *penetrável* (Oiticica)” (Brites; Tessler, 2002, p. 130).

passional superior” (Debord, 1957 *apud* Jacques, 2003, p. 54)⁵. Tal “construção” emergiria como “[...] uma intervenção ordenada sobre os fatores complexos dos dois grandes componentes que interagem continuamente: o cenário material da vida; e os comportamentos que ele provoca e que o alteram” (Debord, 1957 *apud* Jacques, 2003, p. 54). Na revista *Internationale Situationniste* n. 1, de 1958, o grupo enfim estabelece:

[...] *situação construída*: Momento da vida, concreta e deliberadamente construído pela organização coletiva de uma ambiência unitária e de um jogo de acontecimentos (*Internationale Situationniste*, 1958, s. p., grifo nosso, tradução nossa).

Para Mario Perniola (2009), o conceito de *situação* pode ser apreendido sob três perspectivas: psicológica, técnico-urbanística e existencial. O viés psicológico está ligado à realização dos desejos individuais, que seriam “[...] desejos precisos de ambiências para realizá-los, ao contrário dos objetivos buscados pelas correntes freudianas” (IS, 1958 *apud* Jacques, 2003, p. 62), dedicadas à explicação do “eu” e a atividades compensatórias pelas quais o desejo é comumente sublimado ao invés de realizado.

Quanto à perspectiva técnico-urbanística, cabe assinalar, aqui, as restrições dos situacionistas, mesmo enquanto entusiastas do progresso tecnológico e da automação. Com a gradual constatação dos fracassos da arquitetura moderna em viabilizar a *libertação do indivíduo*, a IS conclui que o primado da técnica acabou por provocar o contrário do desejado ao promover a crescente deterioração da vida nas cidades e a lógica do consumo espetacular. Já em relação à perspectiva existencial, “[...] que rapidamente se transforma em social revolucionária” (Perniola, 2009, p. 26), o autor destaca que a *situação construída* começa com a tomada de consciência da problemática da existência nas sociedades industrializadas e a consequente procura por soluções.

Apesar de não haver registros de uma *situação* plenamente construída, como prescreviam os situacionistas (Sadler, 1999), e que o grupo tenha praticamente abandonado o tema a partir da década de 1960⁶, vale notar que o projeto para a construção de *situações* contribuiu, de um modo ou de outro, para a emergência de um “sujeito situacionista” (Ricardo, 2012, p. 83).

⁵ Em muitas passagens deste texto, optamos por utilizar, para efeito de citação, excertos do livro *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*, organizado pela pesquisadora e urbanista Paola Berenstein Jacques (2003), por se tratar de uma consagrada tradução para língua portuguesa dos textos originais situacionistas.

⁶ Grossman (2006) marca a saída do tema da agenda situacionista no seu texto intitulado *Da situação (não) construída*.

Ele é um sujeito em experimento que busca viver situações construídas que o retirem da obrigatoriedade de produzir alienadamente e passe a produzir para si e a si mesmo. Consequentemente, esse sujeito está subordinado a uma nova ordem e a uma nova prática de vida que o faz se jogar nas experiências que ele não sabe como irão terminar (Ricardo, 2012, p. 83).

Resgatar criticamente o projeto de construção de *situações* significa, então, renovar as possibilidades de ações culturais engajadas politicamente em favor de uma vida cotidiana desautomatizada e inventiva. Atualizar esse preceito, ainda que em projetos que provenham do meio artístico (entendido pelos situacionistas como campo separado da vida cotidiana), e buscar por proposições que se aproximam da ideia de *situação construída*, é lançar luz sobre propostas que incitam a contínua renegociação entre espaço, política e arte, seja quando reconfiguram criticamente símbolos de representação do poder, seja quando desvelam “a falta de inocência” dos dispositivos de ordenação, do espaço público e do meio artístico.

Situações pedagógicas

Como forma de desdobramento e aplicabilidade dos estudos promovidos na tese de doutoramento supracitada, a autora do presente artigo propõe-se a estudar as aqui chamadas *situações pedagógicas* por meio de ações como a do grupo Risco!, que acontecem como irrupção de determinado contexto cotidiano do meio artístico e acadêmico que articula a construção de conhecimento como instrumento de criação. O conceito de situação pedagógica pode ser inicialmente definido como o “[...] momento da vida cotidiana, concreto e deliberadamente construído de modo a interromper determinadas circunstâncias coletivas com um jogo comportamental que produz e articula saberes artísticos e pedagógicos. Nessa perspectiva cabe, pois, tomar as próprias circunstâncias cotidianas em que sugere-se a produção de saber como território experimental de aprendizagem, assumindo, para isso, o lugar do efêmero e do inesgotável” (Andrade; Moraes, 2023, no prelo).

As questões que fazem suscitar a ideia de *situação pedagógica* emergem, ainda, do momento de crise metodológica no ensino, evidenciada pelas decisões que lidavam com as novas normas de biossegurança relacionadas à pandemia de Covid-19. Naquela altura, a educação tomou o centro de um importante debate. De repente, o ano letivo e as práticas pedagógicas passaram a integrar os diálogos cotidianos em diversos níveis, desde as discussões mais institucionalizadas até a conversa na fila do supermercado. No entanto, focada em solucionar o problema

da inevitável vacância estudantil oriunda do processo de isolamento social, tais discussões em torno da política educacional não vislumbraram a urgência de revisão dos paradigmas educacionais vigentes, o que nos fez constatar, portanto, uma carência de perspectivas que tratassem a Educação como um fenômeno contínuo e diverso.

É sabido que paira, ainda no interior das operações de nossos sistemas educacionais ascéticos, uma certa noção de escola enquanto ocupação do tempo e controle de corpos. Nesse ponto, é reconhecido um problema metodológico e propõe-se, a partir desse reconhecimento, a produção de conhecimento como o devir de uma singularidade qualquer por meio da criação de *situações pedagógicas*.

Entende-se que, para que qualquer estratégia pedagógica seja eficaz, é necessário instaurar uma atmosfera de entusiasmo, o que, para a educadora e autora ativista feminista bell hooks (2013), trata-se de um trabalho de escuta e de esforço profundamente coletivo, afetado pelos interesses de uma comunidade engajada numa educação libertadora. Apontamos o processo de instauração de uma situação pedagógica como investigação situada, portanto, na compreensão de um *modus operandi* que perpassou, por exemplo, os eventos que ficaram conhecidos enquanto “virada pedagógica na arte” ou “virada educacional”, que se localizou na instauração de uma nova lógica de mercado internacional de arte sobretudo no começo dos anos 2000. Essa perspectiva consistia em uma “[...] mudança radical das maneiras de atuar e existir, principalmente de artistas e curadores, em que o foco da criação e organização de objetos de arte se desloca para a produção de espaços de dialógicos e situações de convívio, tendo como uma das suas bases teóricas principais, a pedagogia crítica e investigações experimentais e mais radicais realizadas no campo da educação na década de 1970” (Hoff, 2014, p. 18).

A pesquisadora em Arte/Educação, educadora e artista Tatiana Fernández (2016, p. 248) sinaliza que “[...] a virada pedagógica da arte é uma forma de pensar a arte e a educação como espaços de hibridação e fluxo, espaços de contaminação e rompimento ou espaços de tensão entre fronteiras”. Assim sendo, artistas passam a se apropriar das formas pedagógicas e criar outras pedagogias, elaborando, assim, críticas às lógicas tradicionais de ensino ao mesmo tempo em que sugerem práticas e abordagens fecundas à construção do conhecimento numa junção experimental. Esses artistas buscam por uma centelha, tanto na arte como na educação, que mantenha em funcionamento a utopia da liberdade através do exercício crítico e de uma reinvenção de ambos os campos de operação.

Nesse sentido, e por meio da análise da prática do Risco!, podemos inferir que a proposta da *situação pedagógica* toca a questão do trânsito (e tensões) entre as identidades do sujeito artista e o sujeito educador – assim como na ação do Risco! vimos o trânsito de identidades do sujeito desenhista e o sujeito performer (modelo vivo). Segundo Claire Bishop (2012, p. 78), desde o começo do século XX, determinados experimentos de arte passaram a incorporar a participação do público no processo de criação de situações concretas que favoreciam e incorporavam formas pedagógicas em seu fazer, revelando, ainda, “[...] a tensão entre a autoria individual e coletiva, o cultivo de uma audiência múltipla e as demandas conflituosas entre agência e controle”. Tais propostas artísticas representam, então, uma importante problemática que o Risco! toma como foco de atuação, que, por sua vez, é um problema central, solicitado por toda prática artística no campo social; ou seja, tais práticas apontam para novas formas de entendimento do papel de artistas, nesse caso, em trânsito de identidade como educadores, e tais sujeitos passam, então, a se identificarem como pesquisadores que produzem ideias, formas e situações não mais para o campo estrito da arte.

Conclusões

A natureza aberta e itinerante do Risco!, com a participação e a flutuação de papéis dos agentes interessados na sua prática contínua sem a condução do “olhar” por parte de um agente externo à ação, reforça a ideia de um acordo tácito entre todos os agentes envolvidos que produzem de maneira criativa, investigando e compartilhando suas pesquisas individuais sem, necessariamente, considerarem a busca por legitimação artística individual dos participantes dessa prática. No entanto, essa abertura e atuação, juntamente à sua autogestão como um momento de encontro para formação criativa, permitem que corpos e subjetividades sejam trabalhados em um jogo estético, lúdico e construtivo. Dessa forma, a legitimidade se estabelece não apenas como produtores de objetos artísticos, mas como existências criativas. Pensamos, portanto, em atualizar a noção de *situação construída* situacionista, propondo um desdobramento desse preceito no que aqui chamamos de *situação pedagógica*. Com isso, pretendemos demonstrar como o Risco! lida com a complexidade corporal e sua difusão como uma agenda política atual, sendo responsável pela ampliação de espaços (e ações) de significância tão necessários para a existência e sobrevivência das subjetividades compartilhadas e vivenciadas no grupo.

Referências

ANDRADE, L.; MORAIS, B. **Educação como**. 2023. No prelo.

BISHOP, C. *Artificial Hells: Participatory Art and the Politics of Spectatorship*. London: Verso, 2012.

FERNÁNDEZ, T. A virada pedagógica da arte e o trânsito de identidades de artista educador. *Revista VIS*, Brasília, v. 15, n. 1, p. 224-254, 2016. DOI: <https://doi.org/10.26512/vis.v15i1.14535>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistavis/article/view/14535/12846>. Acesso em: 30 out. 2023.

GROSSMAN, V. **A arquitetura e o urbanismo revisitados pela Internacional Situacionista**. São Paulo: Fapesp, 2006.

HOFF, M. **A virada educacional nas práticas artísticas e curatoriais contemporâneas e o contexto de arte brasileiro**. 2014. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/115180>. Acesso em: 30 out. 2023.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

INTERNATIONALE SITUATIONNISTE. **Definitions**. Tradução de Ken Knabb. **Internationale situationniste**, [S. l.], 1958. Disponível em: <https://www.cddc.vt.edu/sionline/si/definitions.html>. Acesso em: 14 nov. 2023.

JACQUES, P. B. **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JAPPE, A. **Terão os situacionistas sido a última vanguarda?** *Krisis: Kritik der Warengessellschaft*, [S. l.], 19 maio 2015. Disponível em: <https://www.krisis.org/2015/tero-os-situacionistas-sido-a-ltima-vanguarda/>. Acesso em: 14 nov. 2023.

MORAES, G. **Não é saudosismo, é Modelo-Video**. *Revista SeLecT: Laboratório de Escrita*, [S. l.], 25 jun. 21. Disponível em: <https://select.art.br/nao-e-saudosismo-e-modelo-video/>. Acesso em: 30 out. 2023.

MORAIS, B. **Utopias situadas: a construção de situações na arte contemporânea do Recife**. 2019. Tese (Doutorado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/35850>. Acesso em: 30 out. 2023.

PERNIOLA, M. **Os situacionistas: o movimento que profetizou a “sociedade do espetáculo”**. São Paulo: Annablume, 2009.

REY, S. **Por uma abordagem metodológica da pesquisa em Artes Visuais**. In: BRITES, B.; TESSLER, E. O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Editora da Universidade do Rio Grande do Sul, 2002. p. 123-140.

RICARDO, P. A. **Guy Debord, jogo e estratégia: uma teoria crítica da vida**. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-8VUGS6>. Acesso em 14 nov. 2023.

SADLER, S. **The Situationist City**. London: The MIT Press, 1999.

SOUSA, L. A. **O atelier coletivo em espaços e trajetórias**. 2014. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFPE_39f7fd4ac8519c10157966c4cffb348e. Acesso em: 30 out. 2023.

Submissão: 06/06/2023

Aprovação: 24/10/2023